

Um laboratório a 8000 quilómetros da guerra está a ajudar a preservar o património da Ucrânia

Peggy McGlone

22 de Março de 2022, 13:02

URL original:

<https://www.publico.pt/2022/03/22/culturaipsilon/noticia/laboratorio-8000-km-guerra-ajudar-preservar-patrimonio-ucrania-1999650>

No canto sudoeste da Virginia rural, a cerca de 8000 quilómetros da zona de guerra, uma pequena mas poderosa equipa de arqueólogos, historiadores e especialistas em mapas e tecnologia estão a usar imagens de satélite sofisticadas para ajudar a proteger o património da Ucrânia.

O Cultural Heritage Monitoring Lab, alojado no Museu de História Natural da Virginia, é a versão do mundo dos museus de uma “sala de guerra”: uma rede de computadores, sinais de satélite e telefones, que representam uma das mais recentes ferramentas em uso para proteger tesouros nacionais ameaçados por desastres naturais ou acontecimentos geopolíticos.

Criado no ano passado em parceria com a Smithsonian Institution Cultural Rescue Initiative — que é líder mundial neste campo —, o laboratório está a compilar imagens dos locais onde há património nacional da Ucrânia para ajudar a mapear os ataques de que sejam alvo. O objectivo é alertar rapidamente as autoridades em caso de danos, nas situações em que seja possível agir em conformidade —talvez para [proteger artefactos expostos aos elementos, ou entaipar vitrais depois de um ataque a uma igreja](#), por exemplo — e documentar a devastação.

“É uma operação de 24 horas por dia, sete dias por semana”, diz o director da unidade, o arqueólogo Hayden Bassett, acrescentando que a equipa de seis pessoas está a trabalhar em turnos de 12 ou 18 horas para manter a capacidade de resposta rápida. “Embora possamos não estar a olhar para o ecrã às 3 da manhã, os nossos satélites estão.”

Informação a quem mais precisa

Usando a sua base de dados de 26 mil locais classificados como património — o que inclui arquitectura história, instituições culturais como museus e arquivos, locais de culto e locais arqueológicos importantes —, Bassett e a sua equipa de historiadores de arte, analistas e informáticos já identificaram várias centenas de impactos potenciais do conflito só nestas primeiras

semanas. Ao mesmo tempo que o mundo via os ucranianos proteger as suas estátuas com sacos de areia, a entaipar estruturas históricas e a colocar obras de arte valiosas no subsolo, Bassett está a perscrutar a paisagem para identificar rapidamente os alvos mais recentes.

“Podemos fazer alguma coisa agora, com os métodos que temos, com o laboratório que construímos, para fazer chegar informação a quem mais precisa dela”, diz Bassett.

O laboratório faz parte de uma rede mundial de profissionais de museus e arqueólogos formados nesta área e que se mobilizaram para ajudar os colegas sob ataque na Ucrânia, como explica Corine Wegener, directora da Smithsonian Cultural Rescue Initiative. O Smithsonian é o centro nevrálgico desta rede de dezenas de organizações que incluem o Fundo Prince Claus, uma organização não-governamental dos Países Baixos, o Museu Metropolitano de Nova Iorque e muitos museus e trabalhadores de museus na Europa.

“Até agora, é sobretudo [fornecer] materiais pedagógicos e conselhos. Não há muito que se possa fazer enquanto continuarem os bombardeamentos”, disse Wegener sobre as primeiras intervenções do seu gabinete no terreno. “Estamos a perguntar aos nossos colegas: ‘Do que precisam?’. Estamos a tentar coordenar esforços... sentarmo-nos e dizer: ‘Eis aquilo com que nos podemos comprometer. O que é que têm?’.”

Os líderes dos museus ucranianos estão gratos, diz por seu turno Ihor Poshyvailo, director do Museu Maidan em Kiev, que co-fundou a Heritage Emergency Response Initiative para organizar os esforços de resgate locais. “Sentimos o apoio da comunidade internacional a diferentes níveis. As organizações internacionais, como a [UNESCO \(Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura\)](#), o ICOM [International Council of Museums], a [Blue Shield \[o equivalente cultural da Cruz Vermelha\]](#) e outras instituições”, enumerou Poshyvailo, que também faz parte da comissão de resgate do ICOM. “Tenho amigos de diferentes museus e, a nível individual, as pessoas estão a tentar ajudar.”

Por exemplo, os conservadores do Metropolitano fizeram vídeos em *smartphones* para os trabalhadores dos museus na Ucrânia que demonstram técnicas básicas para [embalar artefactos preciosos e os transportar ou manter em maior segurança onde estão](#). (A maioria dos conservadores de museus são mulheres e muitas delas na Ucrânia foram evacuadas, pelo que têm de ser outros trabalhadores dos museus a cumprir as suas funções.)

Noutros locais, especialistas em tecnologia estão a arquivar os sites e os bens digitais para evitar ciberataques russos. Outros estão a emparelhar instituições, estabelecendo ligações entre museus na Europa que possam ter espaço de armazenamento para as colecções ucranianas mais vulneráveis, ou então camiões com material que possam enviar para as linhas da frente. Outro foco da atenção deste esforço é manter em segurança os bens culturais digitais do país: a investigação académica, os arquivos e as bases de dados, entre outras coisas. “Não queremos perder essa pesquisa, ou bases de dados de colecções”, disse Wegener sobre a ajuda que está a ser prestada para as armazenar em *clouds*.

Pensar de forma estratégica

O Metropolitano é uma das muitas instituições que trabalham com o Smithsonian nesta iniciativa. O museu não tem uma equipa de peritos que se equipare à de Wegener, mas o seu empenho na

preservação do património mundial é igualmente forte, diz Lisa Pilosi, a conservadora da Sherman Fairchild responsável pela Conservação de Objectos. Pilosi é membro da Comissão de Gestão de Catástrofes do ICOM e participou em reuniões para ajudar a Ucrânia.

“Há tanta mobilização em todo o mundo”, diz. “Não é fácil. Há organizações internacionais e há comunicação, mas o melhor que podemos fazer é ajudar os colegas que conhecemos a chegar a estas redes que já existem.” Toda a gente está ansiosa por ajudar, mas ainda é muito cedo. A [UNESCO](#) ainda não libertou uma lista oficial de organizações que estão a prestar auxílio. Há fundos a chegar para materiais, e camiões a alinhar-se para os transportar. É difícil equilibrar o desejo de contribuir com a paciência necessária para esperar pelo momento em que a ajuda será mais útil.

“A Blue Shield está activa, a Prince Claus enviou fundos para vários locais”, diz Pilosi. “O desafio é avaliar o que já está a acontecer e não duplicar esforços. Temos de assumir o nosso devido lugar na resposta geral”, acrescentou, assinalando que a prioridade ainda é o auxílio humanitário. “O nosso forte será na recuperação a longo-prazo.”

A Smithsonian Cultural Rescue Initiative, nascida para auxiliar no rescaldo do [sismo de 2010 no Haiti](#), tornou-se o líder neste campo ao treinar funcionários de museus de todo o mundo em preparação e resposta para crise e no fornecimento de recursos, bem como na fiscalização de apoio em locais como a Síria, Iraque e Afeganistão. Algumas pessoas com quem estão a comunicar na Ucrânia, incluindo Poshyvailo, fizeram as suas formações, diz Wegener.

Poshyvailo adaptou essa formação nas instituições ucranianas e usou as suas directivas para a Heritage Emergency Rescue Initiative. Esta iniciativa fez o levantamento dos museus e outras instituições locais, perguntando do que precisam e pedindo provas de propriedade cultural perdida ou danificada, diz. “Tentámos pensar de forma estratégica, não só sobre as necessidades mais urgentes mas sobre que tipo de acção será necessária amanhã, e depois de amanhã.”

Poshyvailo está agora em Lviv, a trabalhar para apoiar o Ministério da Cultura na criação de um inventário de instituições e colecções culturais, ao mesmo tempo que responde aos relatos de estragos país fora. Muitos dos relatórios são difíceis de confirmar pela violência em curso, diz.

Já Wegener e outros estão a aconselhar os museus ucranianos a proteger as suas colecções, o que foi difícil de fazer por antecipação. “Pode causar pânico”, admite, “e a mensagem política geral era que devíamos preparar-nos a nível militar.”

Os dados e a documentação fotográfica do laboratório da Virginia vai ser útil no futuro, diz. Ele e outros na Ucrânia estão a compilar uma lista semelhante. “É muito primitiva”, disse. “Vai ser muito útil.”

Criar um inventário

A Crimeia e a Ucrânia estavam já sob o olhar do laboratório por causa do conflito em curso na zona, diz Damian Koropecyk, que em Abril começou a trabalhar no laboratório como analista sénior e responsável de equipa para a Ucrânia. “Queríamos procurar para ver se havia património impactado durante a fase que eu descreveria como conflito morno”, disse.

A sua pesquisa inicial revelou exemplos de como os monumentos destruídos pelos combates estavam a ser substituídos por novos, que apoiam a Rússia e a sua versão do património cultural da região. Foi isso que levou à criação de um inventário para o país, uma iniciativa cada vez mais importante à medida que o potencial de uma invasão russa aumentava.

“Somos um projecto remoto. Mas é muito real para mim. Acreditar que podemos fazer diferença a partir daqui é importante”, diz Koropecykj.

Desde a invasão, no mês passado, o laboratório acompanhou os ataques de artilharia e de outro tipo usando sensores dos satélites, incluindo tecnologia de infravermelhos, comparando as zonas de impacto e os mapas do património feitos pelo laboratório. Se um ataque parecer ter acontecido perto de um local cultural, recolhem as imagens de satélite ou, através do [Smithsonian](#), direccionam um satélite para captar imagens da área.

A velocidade é importantíssima, mesmo nesta fase, diz Bassett. Se, por exemplo, um museu foi atingido: “Se houver um buraco gigantesco no telhado, está exposto aos elementos. Num curto período de tempo, já vimos neve e outros acontecimentos meteorológicos. Imaginem que neva num museu”, diz. “Também fica exposto a questões de segurança, exposto a pilhagens. E o edifício fica agora vulnerável a mais deterioração. É basicamente uma contagem decrescente até haver mais estragos. Podemos ajudar na identificação imediata, e minimizar o tempo de resposta. É uma das razões mais pragmáticas” para o trabalho do laboratório.

A documentação dos acontecimentos tem também valor a longo-prazo, diz Wegener. A actividade militar que está a danificar o património cultural ucraniano viola a Convenção para a Protecção da Propriedade Cultural em Caso de Conflito Armado, conhecida como a Convenção de Haia de 1954. Tanto a Rússia quanto a Ucrânia assinaram o tratado da UNESCO e por isso são responsáveis pela protecção de sítios culturais, de arte e livros e colecções científicas. “Pode ser usado para responsabilização legal”, disse Wegener sobre a documentação visual. “Estamos a trabalhar na documentação dos crimes cometidos contra eles.”

= FIM